



139 - Relato de experiência: percebida e vivida nas relações com agricultores e comerciantes da feira – “Matinfeira”, em Matinhos, PR

ROCHA, Marilene do Rocio. UFPR Litoral, maridorocio@hotmail.com; SANTOS, Jhonatan Carlos. UFPR Litoral, scjhonatan@gmail.com; LESAMA, Manoel Flores. UFPR Litoral, flores.lesama@gmail.com.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo relatar a vivência e as experiências adquiridas com o Relato de Experiência: Percebida e Vivida nas Relações com Agricultores e Comerciantes da Feira – “Matinfeira”, em Matinhos-PR, durante o curso superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, UFPR Litoral, turma 2008, com o objetivo de promover o aprendizado com os agricultores locais que comercializam seus produtos na feira livre local. Esse aprendizado faz parte do ensino por projetos que a UFPR Litoral propõe em seu Projeto Político Pedagógico. Tentativas de promover mecanismos de desenvolvimento sustentável com os agricultores rurais do litoral marcaram esta caminhada, rica de experiências e aprendizados, proporcionando muitos questionamentos e reflexões. Com a mediação de professor convidado, este trabalho foi realizado no período de março de 2009 a junho de 2011, tendo como intervalos a férias de julho e de fim de ano. O tema do Projeto de Aprendizagem (PA) foi desenvolvendo a possibilidade de acesso a mercados a agricultores familiares do litoral paranaense.

Palavras-chave: agricultor familiar, desenvolvimento, litoral paranaense.

Contexto

Durante o curso superior de Tecnologia em Agroecologia, turma 2008, da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, UFPR Litoral, foi desenvolvido um Projeto de Aprendizagem envolvendo os agricultores rurais das Colônias Maria Luiza e São Luiz, em torno da rodovia Alexandra-Matinhos, município de Paranaguá-PR. Estes agricultores comercializam seus produtos na feira-livre conhecida como “Matinfeira”, localizada na cidade de Matinhos, ao lado do mercado de peixes, realizada todas as quartas-feiras pela manhã. As propriedades estão localizadas nas colônias que fazem parte da APA de Guaratuba, na unidade C8-Baía, em uma faixa ecofisiológica sob alta influência marinha, apresentando alto teor de salinidade, de clima subtropical úmido, mesotérmico e média anual de 21° C. O lençol freático está próximo à superfície do solo e sob forte pressão antrópica, com áreas compostas de montanha, planícies encharcadas, dunas, vegetação de restinga e manguezais (CONAMA, resolução 07/1996, anexo I e 303/2002).

Com estas considerações gostaríamos de esclarecer nossa postura frente ao desenvolvimento rural sustentável ser imprescindível para esta região. Pela fragilidade não suporta uma forte pressão antrópica, e a agricultura praticada vem afetando o solo, a água, a vegetação e a biodiversidade. Os cultivos convencionais e as práticas



convencionais de preparo do solo são os principais impactadores. As culturas mais exploradas são a banana, pupunha, mandioca, arroz, maracujá, hortaliças e algumas frutíferas. Na criação de animais, os búfalos já fizeram parte deste cenário, mas atualmente foram substituídos por bovinos, ovinos, caprinos, suínos e aves.

A UFPR Litoral através de seu Projeto Político Pedagógico (PPP), fundamentada no Trabalho por Projetos, vem estimulando seus educadores e educandos a realizar projetos de pesquisa, extensão e aprendizagem em interação com as comunidades locais para um desenvolvimento sustentável no litoral do Paraná, com relações de valorização de seus saberes e preservação ambiental.

Esse Projeto de Aprendizagem (PA) teve por fim conhecer, propor e agir com os agricultores da Matifeira através de vivências, de conversas informais em visitas ou em reuniões mensais nas propriedades rurais, conscientizando para uma prática agrícola focada nas principais dimensões da Sustentabilidade (Social, ambiental e econômico) (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

Descrição da Experiência

O PA começou pela abordagem de valorizar um desenvolvimento rural para a região que respeite a preservação do seu bioma. Neste sentido, viabilizar um desenvolvimento que não separe o homem da natureza, numa perfeita harmonia, sem impactos sociais, econômicos ou ambientais, garantindo uma alimentação de qualidade (SILVA, 2010), que tem sua origem em 70% de procedência da agricultura familiar, conforme indicou o censo agropecuário de 2006 (IBGE, 2006).

O município de Matinhos praticamente não tem agricultor rural. A partir de 05 de março de 2008, oito agricultores da região rural, vizinha ao município de Matinhos, nas Colônias Maria Luiza e São Luiz, pertencentes ao município de Paranaguá-PR, que em sua maioria comercializam seus produtos na feira livre de Paranaguá aos sábados, passaram a comercializar também em Matinhos-PR, na Matifeira, às quartas-feiras pela manhã. As barracas foram montadas ao lado do mercado de peixes. O primeiro acordo dos feirantes foi tentar garantir uma diversidade de produtos e assim estimulava a não concorrência uma com as outras.

Participaram oito agricultores, um professor mediador, uma estudante e dois bolsistas voluntários. Começou com conversas informais com um feirante e outro, procurando conhecê-los melhor, entender suas problemáticas e tentar ajudar na troca de experiências e saberes entre agricultores e com a universidade.

O processo demandou reuniões mensais, toda segunda segunda-feira do mês, na parte da tarde, sendo cada vez na casa de um dos agricultores, com todos os demais convidados. A primeira reunião, na casa do agricultor A, utilizando-se das ferramentas da



Pesquisa-Ação (THIOLLENT, 1986; VERDEJO, 2007), o professor mediador do projeto providenciou para que no período anterior ao encontro, um bolsista fosse até a propriedade e com o proprietário fizessem um planejamento do dia (VERDEJO, 2007), que consiste em realizar por meio de uma caminhada percorrendo um espaço geográfico diversificado, áreas com usos agrícolas e recursos diferentes, com o objetivo de mostrar as diversas áreas ecológicas e topográficas dentro dos limites da comunidade e seus diferentes itinerários técnicos, discutir sobre os problemas associados e potenciais de desenvolvimento. Após anotar todo o visualizado, foi elaborado um Mapa da Propriedade (VERDEJO, 2007) a partir dos dados obtidos, ferramenta que mostra todos os detalhes produtivos e de infraestrutura social de uma propriedade, com o objetivo de analisar e entender a organização produtiva.

Esse Mapa permite ver detalhes que normalmente os mapas de recursos naturais ou da comunidade não oferecem, já que estes são feitos em maior escala. Completado com croqui da propriedade, feitas cópias e entregues a cada participante, com a finalidade de sair a campo, identificar os pontos do mapa, fazer um Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2007), e cada um trazer suas impressões para a reunião. Os agricultores eram divididos em dois grupos e convidados a debater as potências e fraquezas das situações da propriedade, levantar quais as ameaças e oportunidades externas.

Esse método é chamado de FOFA, Fortaleza, Oportunidade, Fraqueza e Ameaça (VERDEJO, 2007), resultado de análise dos grupos organizados da comunidade que busca identificar e visualizar sua situação atual e assim conseguir um fortalecimento organizativo.

Nesse caso, era a análise de uma propriedade de um integrante do grupo, sendo vista e analisada por outros integrantes, fortalecendo sua participação, integração e identificação como grupo organizado, resultando em troca de experiências. No final das discussões, os dois grupos se reuniam e juntos ponderavam os resultados encontrados e os pontos comuns eram identificados, escritos e entregues ao proprietário, como sugestões a serem tomadas em conta, caso houvesse interesse.

A próxima reunião foi na propriedade da agricultora B. Houve atrasos e ausências de agricultores do grupo. Seguiu-se o mesmo esquema da reunião no agricultor A. Lá o principal problema diagnosticado foi à falta da serragem para a cama dos suínos. Explicou que a Vigilância Sanitária de Paranaguá exige o uso da serragem para evitar a contaminação das águas. No início a entrega dessa serragem era gratuita, mas com o passar do tempo passou a ter alto custo, sendo necessário utilizar por mais tempo que o indicado.

Na reunião seguinte, no agricultor C, o percurso foi maior, já que sua propriedade é uma das maiores do grupo. Lá foram feitas muitas sugestões, entre elas a de construir um barracão para colocar o lixo que sobra dos restos de mercado que trás para casa, para usar com alimentação da criação e na venda de reciclados. O vento espalha as



embalagens plásticas na propriedade, o que foi condenado pelo grupo e sugerido um depósito adequado. Espaçar os pés de banana foi a única providência que adotou das sugestões dadas. Na época falou da vontade de construir um tanque de peixes para um pesque-pague. Havia um tanque meio assoreado que precisava ser refeito. Este projeto não foi executado. O arrozal, no fundo da propriedade era arrendado e atualmente estava sem produção, em descanso. Estava experimentando um plantio de oleiculturas nesse espaço.

As demais reuniões com os outros agricultores seguiram o mesmo esquema das anteriores e todas findaram da mesma forma, gerando um documento entregue ao proprietário com as sugestões dos participantes após diagnóstico das potencialidades e fraquezas, sendo a falta de mão de obra a mais comum relatada pelo grupo, comprovada em todas as propriedades.

Resultados

Com a finalização do curso, teve que finalizar também o Projeto de Aprendizagem com os agricultores da Matifeira e a melhor forma encontrada foi a de relatar esse convívio de quase dois anos, que proporcionou muito conhecimento e experiência, principalmente no que tange as relações humanas, com acertos e equívocos, e muitas vezes em meio a conflitos de muitas naturezas. Esse artigo é o resultado relatado desse rico aprendizado.

Como resultado desse convívio foi possível observar e fazer algumas considerações:

Dimensão Ambiental: Observou-se que o clima, o solo e a cultura local influem muito nos sistemas de produção, além do manejo adequado. A agricultura ecológica exige uma transição que leva seu devido tempo, dependendo da área a ser trabalhada e do seu estado de degradação ambiental. Mudar o sistema de produção para orgânico é um grande passo e percebeu-se que os oito agricultores do grupo têm esse interesse, motivados mais pelo valor agregado ao produto nos mercados do que pela preservação ambiental, pela comida saudável que põe na mesa, pelas intoxicações evitadas com uso de agrotóxicos. Porém, acostumados a antigas práticas, rotinas e costumes, temem experimentar novidades, e até perder a produção e o investimento. Falta acesso ao conhecimento para perder o medo de inovar.

Dimensão Social: A escassez de mão obra é uma realidade no litoral como em outras regiões, esta é uma dificuldade que o agricultor familiar vem encontrando, dos jovens abandonando o campo em busca de oportunidades nas cidades, ficando as propriedades na mão dos mais velhos, que não podem empregar nem pagar salários como os grandes agricultores e quase sempre com pouca disposição e saúde para se arriscar em mudanças. Se não forem criadas políticas públicas de incentivo aos jovens para perceber o valor na vida do campo e desejar permanecer lá, a produção de alimentos pela



agricultora familiar terá seu fornecimento seriamente comprometido nos próximos anos.

Dimensão Econômica: Os alimentos produzidos na região e comercializados na venda direta, sem atravessadores, representam uma economia para agricultor e consumidor. Na questão da organização, existem muitas ferramentas eficazes para se trabalhar grupos de agricultores, colhendo bons resultados. Apenas se faz necessário que os envolvidos tenham o interesse no fortalecimento do grupo e reconheçam a real necessidade desta coesão e tenham a disposição de trabalhar para que isto se realize. Não é possível existir união se o interesse vir de alguém de fora do grupo. É fundamental que os envolvidos o desejem de fato e essa união é importante e mostrou-se presente nesse grupo de agricultores.

Posteriormente, descobriu-se que apenas dois dos agricultores adotaram uma ou outra sugestão, permanecendo todos nas antigas práticas, inovando muito pouco ou quase nada.

O esperado é que, mesmo terminado o projeto de aprendizado por conta do fim do curso, outros educandos e educadores tenham o interesse no fortalecimento desses agricultores e continuem os trabalhos iniciados, conquistem novas possibilidades para que se tornem potencialmente sustentáveis.

Referências

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília, DF: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

IBGE. Disponível em: < <http://ibge.goccv.com.br> >. Acesso em: 13 jun. 2011.

SILVA, J. S. Agroecologia: base estratégica para a segurança alimentar. **Revista Verde**, Mossoró, RN, v. 5, n. 1, p. 01-06, 2010.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, SP: Cortez, 1986.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático – DRP**. Brasília/DF: MDA-Secretaria da Agricultura Familiar, 2007.